

OS SUBENTENDIDOS E A INTERTEXTUALIDADE NAS TIRINHAS DA PERSONAGEM MAFALDA, DE QUINO

Emanuelle Henrique Alves ¹
Laís Vitorino do Nascimento Almeida ²

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por intuito explicar acerca dos pressupostos e subentendidos por meio dos estudos de Ducrot (1987) e sobre as intertextualidades, analisadas em Koch (2014), ambas as temáticas foram desenvolvidas a partir da análise e interpretação das tirinhas da personagem Mafalda, de Quino.

O motivo norteador deste artigo foi promover nos estudantes de nonos anos o interesse pela análise e interpretação de textos (tirinhas, charges, músicas, livros etc.), a fim de compreenderem os conceitos sobre as temáticas e atingirem melhores índices nas avaliações, pois ainda não entenderam como fazer uso do conteúdo no trabalho de estabelecimento do sentido nos diferentes contextos.

O trabalho fez-se pertinente, tendo em vista que na primeira avaliação em torno desse conteúdo os índices foram baixos, em torno de 55%, e as dúvidas persistiam. Assim, foi necessário rever a aplicação da temática a fim de sanar essa defasagem.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia utilizada foi a interacionista e construtivista, pois os estudantes participaram ativamente da mediação pedagógica, no decorrer da explanação da teoria e do trabalho de análise das tirinhas, a fim de perceberem os pressupostos e subentendidos presentes, e identificarem os tipos de intertextualidades.

No decorrer das aulas de intervenção, ficou perceptível que os estudantes são capazes de desenvolver atividades em equipe e o protagonismo fez-se presente, pois não mediram esforços para auxiliar os colegas que ainda apresentavam dificuldades.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis – UFR, emanuelle.henrique@aluno.ufr.edu.br;

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis – UFR, lais.vitorino@aluno.ufr.edu.br.

As tirinhas trabalhadas com os estudantes para interpretarem os pressupostos e subentendidos, e identificarem acerca da intertextualidade são da personagem Mafalda, com o intuito de pontuar os conteúdos que ficaram em defasagem em ambas as turmas, por meio da interação e participação, inclusive durante o GVGO (que consiste numa técnica utilizada em grupo no início ou na conclusão de determinado assunto) – GV é o grupo de verbalização e GO é o grupo de observação. Quando a discussão encerra, os integrantes do grupo de observação trocam de lugar e passam a discutir a temática, conforme o grupo anterior fez.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender a Análise do Discurso e conseguir explicar o que não está dito/explicito nas tirinhas lidas e analisadas, e que adiante serão desenvolvidas, necessário fez-se recorrer à obra *O dizer e o dito*, de Ducrot (1987) a fim de melhor explicar acerca do conteúdo, pois o estudioso explica que os pressupostos de um enunciado continuam a ser afirmados pela negação deste enunciado ou por sua transformação em pergunta.

Para o autor, o fenômeno de pressuposição parece ter/estar em estreita relação com as construções sintáticas gerais. Porém, o mesmo argumento não pode ser empregado quando se tratar dos subentendidos, pois a relação com a sintaxe é bem mais difícil de aparecer nesse caso (DUCROT, 1987, p. 19).

Aí vem a questão chave para entender e conseguir diferenciar um e outro. Como, então, caracterizar o subentendido de forma positiva?

Ducrot (1987) pontua que “um primeiro traço observável consiste no fato de que existe sempre para um enunciado com subentendidos, um ‘sentido literal’ do qual tais subentendidos estão excluídos. Eles parecem ter sido acrescentados”.

O estudioso, explica que para o leitor compreender o subentendido, necessário faz-se que ocorra uma busca do conhecimento de mundo, das ideologias, tudo o que está armazenado na memória, para que consiga interpretar o não dito, o que está implícito nos textos, nas tirinhas, nos contos etc.

O estudioso assim divide a ideia em torno dos pressupostos e dos subentendidos:

[...] Parece, com efeito, razoável fazer do pressuposto, ligado ao próprio enunciado, bem como aos fenômenos sintáticos gerais, um produto do componente linguístico. O subentendido, ao contrário, resulta de uma reflexão do destinatário sobre as circunstâncias de enunciação da mensagem e deve ser captado, através da descrição linguística, ao final de um processo totalmente diferente, que leve em conta, ao mesmo tempo, o sentido do enunciado e suas condições de ocorrência e lhes aplique leis lógicas e psicológicas gerais (DUCROT, 1987, p. 24-25).

Dessa forma, o estudioso explica o que difere um do outro, e tenta não dar uma definição final, pois como chega a dizer na obra, não é um assunto finalizado, mas uma abordagem que estava em análise, ainda sendo estudada.

No que diz respeito a intertextualidade, Koch (2014) explica que “a intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade”.

Posto isto, a ideia foi trabalhar com várias tirinhas, mesmo que do mesmo autor, para que os estudantes percebessem que as temáticas apresentadas pela personagem Mafalda fazem intertextualidade entre si, pois abordam sobre política em diferentes contextos e momentos.

A intertextualidade divide-se em dois tipos, a saber: intertextualidade explícita e intertextualidade implícita. Para tratar da abordagem em torno de ambas as intertextualidades, Koch (2014) pontua o seguinte:

[...] a intertextualidade explícita ocorre quando há citação da fonte do intertexto, como acontece nos discursos relatados, nas citações e referências; nos resumos, resenhas e traduções; nas retomadas de textos de parceiro para encadear sobre ele ou questioná-lo na conversação. Enquanto a intertextualidade implícita ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrases e ironias [...] (KOCH, 2014, p. 87-92).

Após a explanação da parte teórica e de exemplificações, os estudantes seguiram para a análise das tirinhas, a fim de identificarem as diferentes intertextualidades que se apresentavam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas três tirinhas analisadas, Mafalda fala a respeito de política, mesmo que de modo diferenciado, mas em todos os casos a menina é crítica, irônica, e se mostra preocupada com o que vê.



Tirinha I:

<https://clubedamafalda.wordpress.com/>

Os estudantes analisaram a tirinha I, e assim interpretaram: Mafalda, retornando de uma viagem de férias, aparece num vagão de trem observando a paisagem através da janela, vendo belezas. Mas, em seguida, vê diante dos olhos uma paisagem triste, a realidade das pessoas que moram na beira das estradas, em casas de papelão, de madeiras, uns casebres horrorosos e algumas crianças humildes. Então, ela muda o semblante do rosto e, pensativa fala: “pena que os programas de televisão sejam melhores que os do país”!

No decorrer da análise e interpretação da primeira tirinha, os estudantes perceberam que o embate demonstrado diz respeito ao fato de que a realidade em que as pessoas de baixa renda vivem é dolorosa, e não bonita e colorida como mostram na televisão. Observaram a linguagem verbal e não verbal, e perceberam que a menina levantava uma crítica aos programas que o governo promete à população em períodos de eleição, mas que não cumprem em sua totalidade.

Os estudantes foram capazes de inferir e dizer: “professora, o contexto histórico-social em que a menina está inserida é diferente daquele em que as pessoas necessitadas vivem, mas isto não a impede de falar sobre “miséria” e os problemas que os menos favorecidos enfrentam diariamente, situações que a televisão esconde dos telespectadores”.



Tirinha II:

<https://clubedamafalda.wordpress.com/>

Ao analisarem a tirinha II, falaram sobre uma Mafalda pensativa e recordando que desde bem pequena ela já ouvia dizer que o país estava em crise, e que, ainda hoje nada mudou, ou seja, nada melhorou no país.

A respeito dos pressupostos e subentendidos, os estudantes compreenderam que Mafalda ao dizer “o país continua em crise, nada mudou desde que eu era bem pequena”, esta fala apresenta uma crítica ao fato de que nada passa de uma utopia, pois as promessas continuam sendo lidas em discursos bonitos, mas nada é feito pelos governantes para melhorar a situação do país.



Tirinha III:

<https://clubedamafalda.wordpress.com/>

Ao observarem a tirinha III, os estudantes foram críticos e explicaram o que compreenderam, afirmando que perceberam a existência de uma questão bastante séria em torno do pensamento de Mafalda, pois quando a menina pensa que o amiguinho não deve falar “aquele palavrão” está se referindo à “política”. Então, os discentes disseram que há dois posicionamentos, primeiro o fato de que a menina é politizada e por isso aborda sobre a temática sem pestanejar, e, em segundo, a questão de que a personagem também é irônica neste momento, mas esta ironia faz referência às pessoas que não gostam de debater sobre “política”.

Os estudantes, por meio do GVGGO, debateram e afirmaram que a intertextualidade desenvolvida por meio das tirinhas dizia respeito à política e às questões sociais do mundo, e esses assuntos são tratados também nas disciplinas de História, Geografia, Sociologia etc., e perceberam que ocorreu a interdisciplinaridade também.

Questões do momento do GVGGO: o que se pode inferir a partir do pensamento de Mafalda? Por que o termo “política” é considerado um “palavrão” para a menina? O tema “política”, exposto na tirinha, tem o intuito de criticar ou ironizar?

Por meio deste trabalho, os estudantes compreenderam que a tarefa de análise e interpretação de textos não é complexa, e as turmas do 9º A e do 9º B (58 estudantes) que realizaram a avaliação e atingiram o objetivo almejado, o resultado foi de 93% dos índices atingidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa para conceituar, caracterizar, compreender sobre os pressupostos e subentendidos e a intertextualidade, o presente artigo possibilitou aos estudantes uma compreensão maior do conteúdo apresentado e das tirinhas, e permitiu aos mesmos fazer a inferência de cada tema abordado pela personagem Mafalda, tendo em vista que as dúvidas em torno do conteúdo foram sanadas.

O presente artigo tratou de mostrar que, por vezes, mesmo ocorrendo resistência por parte dos estudantes, retomar um conteúdo não é dizer que o estudante não se interessou ou que o professor falhou, mas sim que existem metodologias que possibilitam a ambas as partes desenvolverem um trabalho eficaz e eficiente, no intuito de formar jovens autônomos, solidários e protagonistas.

Sendo assim, é possível afirmar que Ducrot (1987) é pertinente ao pontuar que para compreender os pressupostos e subentendidos e as intertextualidades é preciso que o leitor utilize o próprio conhecimento de mundo, as ideologias, a Filosofia, a História, a Geografia etc., caso contrário não conseguirá compreender/inferir o que se pede nos textos, nas tirinhas, charges, filmes, músicas etc., e se é importante ao leitor fazer uso dos conhecimentos adquiridos fora do âmbito escolar, cabe a nós, educadores, promover aos estudantes participação nas aulas e que estes interajam com os colegas o que aprenderam em casa, na sociedade, no meio em que vivem, com os familiares, e também com outros professores.

Palavras-chave: Pressupostos; Subentendidos, Intertextualidade, Interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS

DUCROT, Oswald. Pressupostos e subentendidos. In: Ducrot, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 24-48.

KOCH, Ingedore V. & ELIAS, Vanda M. Intertextualidade. In: Koch, Ingedore. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed., 10ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014, p. 86-92.

QUINO, Joaquín Salvador LavadoTejón. **Mafalda**. Disponível: <https://clubedamafalda.wordpress.com/>. Acesso em: 15, abr. 2024.

Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais

nenhuma alteração ou correção.

Após aceitos, serão permitidas apenas correções ortográficas. Os casos serão analisados individualmente.